

MINISTRA, QUAL É A DIFERENÇA EN-
(Pergunta de um jornalista alemão à ministra)

EUA reclassificam

MEDIDA MOSTRA DESCONFIANÇA NA

PAULO SOTERO,
DE WASHINGTON

Num claro voto de desconfiança à política econômica brasileira, uma comissão interministerial dos Estados Unidos decidiu instruir os bancos americanos credores do País a aumentar de 60% para 70% suas reservas obrigatórias contra o risco brasileiro. A informação foi passada na segunda-feira pelo vice-presidente do Citibank, William Rhodes (foto), à ministra do Planejamento, Yeda Crusius, em Hamburgo, e a representantes dos bancos credores, na reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Ela será comunicada aos bancos, por carta, em duas semanas.

Fontes oficiais disseram que a reclassificação determinada pelo Interagency Country Exposure Review Committee (ICERC) reflete a ausência de perspectiva de qualquer esforço sério, por parte do Executivo e do Congresso brasileiros, para montar um programa de estabilização da economia com o apoio do Fundo Monetário Internacional, apesar da inflação galopante e de uma conjuntura que, de longe, parece cada dia mais precária e insustentável.

Dada a falta de credibilidade do governo e do País, o envolvimento do FMI é hoje considerado uma "questão chave" pelos reguladores americanos, disse um funcionário. "A missão do FMI que esteve no



Arquivo/AE

A missão do
FMI que esteve
recentemente
no Brasil
não conseguiu
sequer
discutir
1993

(De um
funcionário
do FMI)

Brasil recentemente não conseguiu sequer discutir 1993", notou ele. A saída do governo do ex-ministro da Fazenda, Paulo Haddad, contribuiu para a decisão do ICERC.

A nova exigência de reservas contra o risco Brasil não causará problema aos bancos americanos, pois eles se anteciparam e, na maioria dos casos, estão 100% cobertos contra perdas em seus empréstimos ao País. Em princípio, a decisão dos reguladores não deve ter um impacto imediato sobre a complementação do acordo de renegociação de US\$ 44 bilhões da

dívida externa — o tema de um encontro da ministra Crusius e do negociador brasileiro, Pedro Malan, com representantes dos credores.

Em Hamburgo, a ministra do teve uma prova do desprestígio do Brasil no Exterior em sua primeira viagem internacional como representante do governo. Na segunda-feira, ouviu o representante dos Estados Unidos na reunião anual do BID, James Fall, colocar o Brasil na mesma categoria do Peru, como exemplos de fracasso econômico e instabilidade política na América Latina. Ontem, enfrentou o deboche num entrevista coletiva. "Ministra, qual é a diferença entre a senhora e a Zélia?", perguntou um jornalista alemão. "É, viramos pau de galinheiro", comentou, na saída, um desolado membro da delegação brasileira.

Política Econômica de EISEU

dívida do Brasil

TRE A SENHORA E A ZÉLIA?
Yeda Crusius, em Hamburgo.)